



SEÇÃO TEMÁTICA

O “irmão dos pobres” esteve lá: o que o “Pequeno Concílio” de Medellín e Helder Câmara significaram um para o outro?

The “brother of the poor” has been there: what did the “Minor Council” of Medellín and Helder Câmara mean to each other?

*Luiz Carlos Luz Marques**
*Lucy Pina Neta***

Resumo: O texto dedica-se a selecionar e analisar, da imensa produção documental deixada pelo falecido arcebispo de Olinda e Recife, Helder Pessoa Câmara (1909-1999), sinais da importância, para ele, da organização daquela que viria a ser conhecida como Conferência de Medellín e de sua correta recepção. Com o uso do “método” ou “paradigma indiciário” de Ginzburg, foram selecionados textos que vão de 1962 a 1970, todos interligados por “fios-condutores” típicos do pensamento de Dom Helder, através dos quais é possível conhecer a sua evolução enquanto “operador social do sagrado”, na tentativa de construção de uma sociedade contemporânea laica, porém iluminada pelo Evangelho, a serviço da qual ele sonhava uma Igreja servidora, pobre e sem poder. O vivido e o decidido em torno da organização, realização e recepção de Medellín marca, para os autores, o início da fase mais madura das ações de impacto internacional do prelado brasileiro.

Palavras-chave: Estado. Igreja. Modelos eclesiais. Poder. Movimentos de Resistência.

Abstract: This paper aims to select and analyze, through the immense documental production left by the late archbishop of Olinda e Recife, Helder Pessoa Câmara (1909-1999), signs of the importance, to him, of the organization of so called “Medellin Conference” and its correct reception. By using Ginzburg’s “method” or “evidential paradigm”, we selected texts apprehending the period of 1962 to 1970, all of them being linked through “conductive wires” typical of Dom Helder’s line of thinking, through which it is possible to know his evolution as “social worker of the holy”, trying to build a contemporary society which was secular yet enlightened by the Gospel, to which he dreamed of a serving, poor and powerless Church. What was lived and decided around the preparation, execution and reception of Medellín marks, we believe, the beginning of the most mature phase of the Brazilian prelate’s international impacting actions.

Keywords: State. Church. Ecclesiastical models. Power. Resistance Movements.

* Doutor em História das Religiões (Università degli Studi). Professor e vice-coordenador do PPG em Ciências da Religião da UNICAP. Contato: prof.luizcmarques@gmail.com

** Doutoranda em Ciências da Religião (UNICAP). Historiadora do Centro de Documentação do Instituto Dom Helder Câmara. Contato: lucypina1608@gmail.com

Introdução

Segundo ele mesmo relata, em uma de suas “circulares”¹, Helder Pessoa Câmara, então arcebispo de Olinda e Recife, 59 anos, chegou a Bogotá, capital da Colômbia, na madrugada do dia 22 de agosto de 1968 (Câmara, 2014b, p. 223), para a cerimônia de inauguração do 39º Congresso Eucarístico Internacional e da 2ª Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, marcada para o dia 24, na presença de Paulo VI. Em seguida, no dia 26 de agosto, partiu para a cidade de Medellín, como delegado do episcopado brasileiro, para os trabalhos propriamente ditos da Conferência (p. 227). Logo após o encerramento dessa, ocorrido no dia 06 de setembro, voltou para o Recife, de onde escreve, na madrugada do dia 10 de setembro, resumindo em poucas frases seu entusiasmo pelo que ali acontecera e propondo-se, imediatamente, um projeto, para transformar em ação concreta o que, para ele, era o significado central do evento:

Apesar do cansaço, o coração me pede uma Vigília de Ação de Graças pelo prodígio que se operou em Medellín! Não há explicação humana. Sem dúvida, houve fatores positivos, devidamente aproveitados. Mas os resultados, como no caso do Concílio, superaram, ultrapassam as previsões mais otimistas...
O problema agora, é chegar à prática. Não ficar no papel. Na linha desta preocupação, aqui lhes envio a tradução portuguesa do anteprojeto para uma: AÇÃO JUSTIÇA e PAZ (Câmara, 2014b, p. 239).

Para os que vêm trabalhando com a documentação de Dom Helder, acostumados à abundância, seja em número de páginas, seja no aprofundamento detalhado dos acontecimentos por ele vividos, a brevidade de seu testemunho direto sobre a Conferência de Medellín, resumido em somente 15 páginas escritas na Colômbia, chama a atenção e causa estranhamento². Mas, será essa a interpretação correta de seu “silêncio”?

Reagindo a essa estranheza, nosso texto pretende responder às três questões implicadas com o título: o que o “pequeno concílio” de Medellín, na feliz expressão da historiadora italiana Silvia Scatena (2008, p. 429) significou para Dom Helder, como ser humano, cristão e “mediático” membro do alto clero católico? Por outro lado, o que a longa militância eclesial do arcebispo de Olinda e Recife³, significou para a efetiva

1 Dentre os milhares de manuscritos do próprio punho de Dom Helder, até agora recolhidos e organizados no CEDOCH, destacam-se suas cartas, que ele mesmo chamou de “circulares”, porque dirigidas às suas equipes, ou “famílias”, das quais foram recuperadas 2.234, com, em média, 04 páginas cada. Dessas, 1.259 já foram publicadas na coleção das *Obras Completas*, até o momento composta de 04 volumes, divididos em num total de 13 tomos. Esses cobrem as cartas escritas desde o primeiro período do Concílio Ecumênico Vaticano II, até janeiro de 1970. Estão em vias de publicação as demais cartas que se estendem até o ano de 1982.

2 De 1º de janeiro a 16 de agosto de 1968, ele escrevera 86 circulares e, no retorno de Medellín, de 10 de setembro a 31 de dezembro, outras 38. Aquelas escritas na Colômbia, que fazem parte do volume 04, tomo 02, das que ele intitulou “Após-Concílio”, somam apenas 05: Bogotá, 22/23.8.68 [427], pp. 223-226, “Vigília dentro do 39º Congresso Eucarístico Internacional”; Medellín, 26/27.8.68 [428], pp. 227-229, “Vigília dentro da 2ª Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano”; Medellín, 28/29.8.68 [429], pp. 230-232 [sem título]; Medellín, 3/4.9.68 [430], pp. 233-235, “Vigília durante a 2ª Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano” e Medellín, 6/7.9.68 [431], pp. 236-238 “Vigília do Encerramento da 2ª Conferência”.

3 Dom Helder Câmara teve uma longa militância eclesial: foi proponente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), no início dos anos 50, quando ainda monsenhor, um dos fundadores do Conselho Episcopal Latino-americano, CELAM, em 1955, ativo padre conciliar entre 1962 e 65 e, desde então, entusiasmado participante dos esforços para a realização de uma segunda conferência, a ser promovida pelo Conselho, para reler o “espírito” do Vaticano II à luz da sofrida realidade latino-americana.

realização de Medellín e sua recepção na vida das Igrejas do Continente? Finalmente, o que tem a ver com tudo isso ele ter sido chamado, por João Paulo II, em 1980, de “irmão dos pobres, meu irmão”?

Ou, em outras palavras, como podemos ler a preparação, tanto a médio prazo quanto a imediata, de Medellín, e seguir suas consequências, a partir de um olhar atento ao conjunto da documentação de Dom Helder? Até onde, para Dom Helder, ter sido chamado de “voz dos sem voz” no início dos anos 70, e “irmão dos pobres”, no início dos 80, é reflexo da experiência por ele vivida à luz do evento Medellín?

Para isso nos propusemos, mais uma vez, retornar à documentação de Dom Helder tendo como facho orientador o chamado “paradigma indiciário” proposto como método historiográfico pelo historiador italiano Carlo Ginzburg (1979, pp. 57-106; 1980, pp. 05-36), e por ele retomado em sua obra *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*⁴, especialmente no capítulo “Sinais: raízes de um paradigma indiciário” (2002, pp. 143-180). Método, na feliz síntese de Laura de Mello e Souza, “assentado no detalhe, naquilo que aparentemente não tem importância, mas que, na verdade, é fundamental à explicação científica” (Souza in Ginzburg, 2002, s. p).

Nós o temos aplicado, adaptando-o às nossas fontes, em outros textos de Dom Helder, e o faremos aqui, considerando que “as chaves de leitura que dão partida a tal tarefa são tanto os exercícios de inferir as causas, tendo como ponto de apoio os efeitos, quanto de exercitar a conjectura e a imaginação criativa durante a análise do material à disposição da pesquisa” (Marques; Pina Neta, 2018).

Reflexões sobre a aplicação do método indiciário à parte publicada das fontes “helderianas” disponíveis

Começemos, então. Primeiro, enfrentando a questão das “fontes ‘helderianas’ disponíveis”: a riqueza da documentação deixada por Dom Helder, como já dito acima, é extraordinária. Referindo-se aos tempos do Vaticano II, quando da publicação, em 2004, do primeiro tomo das *Obras Completas de Dom Helder*, sonhadas por José Comblin, tomo republicado em 2009, que usaremos para citar, escreveu José Oscar Beozzo:

Durante as sessões e uma das intersessões do Concílio, manteve Dom Helder um registro dos eventos e encontros, reflexões e projetos, escrito diariamente. Numa fidelidade monacal, que se repetia, quase que ritualmente, como numa Liturgia das Horas, noite após noite, Dom Helder dedicava algumas horas a este trabalho. Seu registro não foi vazado sob a forma de um diário, testemunha apenas de um monólogo interior, nem se transformou numa troca de correspondência íntima entre duas pessoas. Cristalizou-se num epistolário dirigido a um círculo íntimo de colaboradores... (Beozzo, 2009a, p. XX).

A afirmação revelou-se válida tanto para a documentação recolhida antes quanto para aquela recolhida depois daquele momento em que o primeiro fruto do *Projeto de*

⁴ Originalmente publicado em italiano pela Giulio Einaudi Editore, em 1986, a obra foi traduzida para a língua portuguesa pela primeira vez em 1989, tendo uma segunda edição em 2002, ambas publicadas pela Companhia das Letras.

Publicação das Obras Completas de Dom Helder, proposto por José Comblin, em 2001, à entidade “Obras de Frei Francisco”, hoje “Instituto Dom Helder Câmara”, veio à tona. Hoje, o processo diocesano da causa de beatificação de Dom Helder confronta-se com uma quantidade inaudita de documentos, manuscritos, datiloscritos, gravações, vídeos, meditações, poesias, e versões sucessivas de discursos que ultrapassam uma centena de milhares de páginas e que, no caso das nunca publicadas, estão sob segredo canônico no momento⁵.

Assim, nossa opção, já suficiente para este artigo, foi trabalhar utilizando-nos apenas do publicado, confrontando-o com alguns textos que sobre Dom Helder foram escritos, nas décadas sucessivas, especialmente com a sua entrevista autobiográfica dada ao jornalista francês José de Broucker, nunca publicada em português, em função da situação política da época e da censura explícita do regime civil-militar instaurado em 1964 (Seuil, 1977).

Selecionamos, para nosso mergulho no universo escrito do pensamento de Dom Helder, algumas poucas palavras-chave, além das óbvias “Medellín” e “CELAM”. Escolhemos então: “projeto(s)”, “ideias”, “aplicação” ou “recepção” (seja do Concílio, do Encontro de Mar del Plata, do Encontro de Itapuá ou da Conferência de Medellín), “Manuelito”⁶, “organização”, “minorias abraâmicas”, “pressão legítima e democrática”, depois “pressão moral libertadora” e, finalmente, “ação justiça e paz”.

Porque esses são, em nossa leitura, os pontos chave de sua lógica enquanto “operador social do sagrado”⁷. Para ele, é sempre necessário e urgente “chegar à prática”, “não ficar no papel”, como escreve ao voltar de Medellín. A leitura da primeira das suas circulares publicadas, escrita na madrugada do dia 13 para 14 de outubro de 1962 (decorridos apenas três dias da solene abertura do Vaticano II), já nos apresenta esse esquema lógico da organização do pensar e do agir de Dom Helder: “Quanto a mim, já que a Providência me trouxe, já estou com programa organizado” e resume-o: “de mergulho no Concílio, depois de reflexões teológicas, conclusões pastorais”, “de contato com Bispos do mundo inteiro (contatos sistemáticos, criando amizades, estabelecendo laços)”; “de estudo...”; “de aprimoramento espiritual” (Câmara, 2009a, p. 03).

Na nota 05, que desde 2004 preparei para essa passagem, republicada em 2009 (Marques, in Câmara, 2009a, p. 03), afirmei: “Nunca será demais destacar a visão de Dom Helder, sua capacidade de prever e organizar-se para o futuro”. Pois, enquanto muitos bispos, episcopados inteiros, chegaram ao Concílio, em 1962, “sem saber exatamente o que os esperava e saíram dele, em 1965, sem saber como colocar em prática decisões recém-tomadas”, ele, desde o início, tinha um preciso programa, que colocou imediatamente em ação. “É de sua autoria o primeiro projeto concreto de atuação do Concílio”, preocupado com sua futura “recepção”, “enviado durante o mês de janeiro de 1963 a bispos do mundo inteiro”, intitulado “Troca de ideias com os irmãos no

5 Um balanço crítico, e os justificados motivos desse momento de silêncio, em Marques (2017, pp. 35-37).

6 Como ele chamava Mons. Manuel Larraín Errazuriz (1900-1966), bispo de Talca, Chile, cofundador e, então, presidente do CELAM.

7 Conceito desenvolvido por nós no estudo “Operadores sociais do sagrado: direitos e deveres civis” (Marques, 2012, p. 217ss).

episcopado” (uma cópia, com suas anotações manuscritas, está no Arquivo da Biblioteca do INP, Brasília, sob nº 09130⁸).

Nunca é demais ressaltar que a CNBB, da qual foi secretário-geral até 1964, foi, segundo a documentação conhecida, a única Conferência a sair dele com um Plano de Pastoral de Conjunto (depois conhecido por PPC) “exaustivamente discutido, corrigido e aprovado”, para o qual o secretário-geral que substituíra Dom Helder, Dom José Gonçalves Costa CSsR, conseguiu até apoio financeiro, oferecido pelo episcopado alemão (Marques, 2001, p. 481ss)⁹. Seria, então, possível, que ele chegasse a Medellín despreparado e dela voltasse sem saber o que fazer?

Acreditamos que, em todos os momentos eclesiais importantes, do início dos anos 50 até Puebla, em 1979, e depois, quando sabendo que chegava o momento de se tornar emérito, criou a entidade Obras de Frei Francisco, em 1984, o fio condutor que liga todos os seus projetos “é a tarefa que ele desde o início tem bem clara, de preparar-se e organizar-se, de organizar e preparar” (Marques, 2009a, p. XLIV) tanto o grupo de bispos que aceitavam sua liderança e admiravam suas ideias quanto suas equipes, que chamava Famílias e, através deles/delas, a CNBB e o CELAM, para a tarefa de guiar e transformar a Igreja do Brasil e não só a Igreja brasileira, para enfrentar os desafios que o mundo contemporâneo trazia ao anúncio libertador do Evangelho¹⁰.

Assim como, em relação ao Concílio, ele, desde o início, esteve preocupado em abrir caminhos para o que os teólogos chamam a “recepção”, tarefa que a história mostra ser de não pouca importância, pois, como ele recorda aos bispos, em “Troca de ideias”, “há Concílios que fracassaram, porque suas boas ideias e reformas não foram recebidas pela Igreja” (Câmara, 1963, último parágrafo do documento), também em relação ao “Após-Concílio”¹¹ ele não perdeu o foco. Com a experiência de secretário-geral da CNBB, cargo que manteve deste 1952 até 1964, soube avaliar a importância do modelo de uma Igreja organizada em Conferências (regionais, nacionais e continentais) para o sucesso do próprio Vaticano II. Fiel ao seu estilo, passou imediatamente à ação, promovendo encontros, favorecendo o surgimento ou o funcionamento efetivo de outras Conferências nacionais, querendo a todo custo suscitar organismos continentais semelhantes ao CELAM.

8 Nos arquivos da CNBB em Brasília existem duas versões, uma portuguesa e outra em inglês (das quais faltam as duas últimas páginas). A versão em português parece estar muito próxima do manuscrito original: composta com o uso de pelo menos três máquinas de escrever diferentes, contém correções substanciais com a caligrafia de Dom Helder. De uma carta de Câmara ao Cardeal Suenens, um dos moderadores do Concílio, sabemos que em 23 de janeiro de 1963 o texto estava pronto e já traduzido para o francês. Dom Helder recorda a razão para escrever esse texto na Circular n. 47 de 1964. Uma versão integral em inglês, datada de “New York, 12 July 1963” encontra-se nos arquivos da FASCIRE de Bolonha, no “Fondo Houtart”, sob. nº 0238. Ela contém uma informação importante que usaremos nas nossas reflexões conclusivas.

9 O episcopado canadense, segundo Routhier (in Marques, 2011, p. 481, nota 02), no mesmo período, conseguiu aprovar somente um plano para colocar em prática a reforma litúrgica. Ainda na nota: “Para a implantação do PPC, a partir de 1º de janeiro de 1966, ver REB (Revista Eclesiástica Brasileira), vol. 26, 1966, p. 377” (traduções livre).

10 Desafios, não só da secularização trazida pela modernidade, mas especialmente os criados pela pobreza estrutural, provocada pelo sistema capitalista. Os dois terços mais sofridos da humanidade eram compostos de não cristãos, realidade da qual ele, a partir do alerta do Cardeal Gerlier, de Lyon, em 1955, tornou-se sempre mais consciente.

11 Todas as milhares de circulares que passou a escrever, desde a madrugada de 9 para 10 de dezembro de 1965, até a da madrugada de 3 para 4 de janeiro de 1970, foram encabeçadas por essa expressão. Tornaremos, sobre a importância disso, mais adiante.

Portanto, se repassarmos o epistolário já publicado de Dom Helder Câmara a partir dessas palavras, damos conta de que suas cartas têm muito mais a dizer do que pode ser visto numa primeira leitura. E é nesse sentido que nós propomos a apresentar trechos significativos da atuação de arcebispo brasileiro, registrados em suas circulares, nas fases que precederam, durante e após a II Conferência Geral Episcopal Latino Americana, em Medellín, na Colômbia, realizada em 1968.

Ginzburg (2002), ao falar sobre as origens do método indiciário que ele busca, como nós, aplicar à historiografia, revela que, quando criado, era aplicado somente à análise da autenticidade de quadros antigos, na tentativa de atribuir corretamente a autoria destes quadros, distinguindo as cópias dos originais. Nesse sentido, procurava o examinador os detalhes, as marcas silenciosas dos autores, não seus grandes traços, mas a forma peculiar como desenhava detalhes que à primeira vista passam despercebidos à maioria. Para ilustrar isso, Ginzburg faz referência ao trabalho de Giovanni Morelli, publicadas na segunda metade do século XIX.

O segundo passo do método é procurar dentro do objeto de análise os indícios que permitam ao leitor ver além do que está dado ou escrito. Assim como, na descrição investigativa de um crime, as pistas conduzem a diversos elementos que compõem o delito, cabe ao investigador fazer as perguntas adequadas para conduzir bem o trabalho e solucionar o problema. Para isso, precisa desinstalar-se, saindo do óbvio, procurando na descrição pormenorizada e atenta aos detalhes os detalhes significativos. Há, aqui, uma pequena referência à coleção de contos de Sherlock Holmes. Em especial, Ginzburg remete ao caso da “Caixa de Papelão”, publicado em 1892. Os casos literários escritos por Conan Doyle são, segundo nosso teórico, as melhores ilustrações desse passo, pois nelas é comum que a solução seja apontada a partir das pistas percebidas nos detalhes, muitos de natureza biológica, outros de natureza histórico-política ou cultural.

O terceiro passo faz uma referência direta às obras de Sigmund Freud, a primeira delas, o artigo *O Moisés, de Michelangelo*, que foi publicado anonimamente em 1914. Nele, logo nas primeiras linhas, Freud, que posteriormente assumiria a autoria do texto, faz uma referência ao trabalho de Morelli. Ginzburg sugere, também, a leitura de *Psicopatologia da vida cotidiana*, obra escrita em 1901. À diferença do artigo, em que Freud analisava exaustivamente as inúmeras possibilidades de interpretação do mesmo objeto, no caso da obra de 1901 uma série de pequenos casos nos põe diante de um dos aspectos mais interessantes do método indiciário, o saber que se adquire “a partir de dados aparentemente negligenciáveis, [a capacidade de] remontar a uma realidade complexa não experimentável” (Ginzburg, 2002, p. 152), ou de decifrar a parte pelo todo, o efeito pela causa - nisto consiste o paradigma indiciário.

Com o uso dessas sugestões metodológicas, voltemos agora nossa atenção ao objeto central deste artigo, acompanhar a atuação de Dom Helder Câmara, falecido arcebispo de Olinda e Recife, nas três fases da II Conferência Geral do Episcopado Latino Americano, em 1968, na cidade de Medellín. Trabalharemos, essencialmente, com as cartas circulares de Dom Helder escritas entre 1965 e 1970. Em razão desse conjunto restrito e significativo de missivas, dividimos a sua atuação em “Pré-conferência”, período que vai do final do ano de 1965, quando a ideia de uma conferência que pudesse discutir como aplicar os ensinamentos do Concílio Vaticano II (1962-1965) às necessidades da

América Latina foi apresentada ao papa Paulo VI¹², até janeiro de 1968. Ele tem como marco não só a apresentação da ideia ao pontífice, mas, principalmente, a realização da X Assembleia do CELAM na cidade de Mar del Plata, pois aí foram decididos os grandes temas que deveriam constar na Conferência Geral. O segundo período compreende os meses de 1968 que antecedem a viagem a Medellín até o último dia da Conferência e, o terceiro, procura analisar o “Pós-Conferência”, até a última das circulares publicadas, da coleção da chamada, por ele, de “Após-Concílio”, a escrita em Roma, na madrugada de 24 para 25 de janeiro de 1970, de conteúdo extremamente significativo, na qual ele anuncia o surgimento, “em plano internacional”, da “Ação Justiça e Paz”, a “A.J.P.” (Câmara, 2014c, p. 347).

A aplicação do método indiciário deu-se, então, não em função de alguma dúvida quanto à autenticidade das cartas de Dom Helder, mas quanto aos questionamos sobre se a temática se encerrava nas cartas publicadas especificamente durante os dias da Conferência de Medellín. Nessas, a palavra-chave “Medellín” saltava aos olhos, mas conhecendo a vasta obra de Dom Helder e o como seu *modus operandi* de escrita é bastante peculiar, resolvemos ampliar o leque de possibilidade, agregando à busca a palavra chave “CELAM”; com isso, descobrimos que sua produção de cartas era bem mais ampla e seu trabalho de organização remonta ao ano de 1965. Com isso, localizamos mais 22 cartas. Surgiu então outra palavra chave que nos conduziu a outro pequeno subgrupo de mais 6 cartas, “Mar del Plata”, a cidade argentina sede da X Assembleia do CELAM, onde foram discutidas as linhas gerais de II Conferência Geral. Com a definição das linhas gerais, veio, também, a definição do local da conferência, Colômbia, que em 1968 seria a sede do XXXIX Congresso Eucarístico Internacional. Passamos então a procurar cartas que apresentassem a palavra “Medellín” - localizamos mais 17 cartas. Trabalhamos com a mesma metodologia para tentar localizar as cartas que tratassem o pós-conferência, usando a palavra Medellín - localizamos mais 24 cartas. Na sequência, usamos todas as demais palavras já indicadas, “projeto(s)”, “ideias”, “aplicação”, “recepção”, “Itapuã”, “Manuelito”, “organização”, “minorias abraâmicas”, “pressão legítima e democrática”, depois “pressão moral libertadora” e, finalmente, “ação justiça e paz”.

O segundo passo foi buscar pistas relendo as cartas a partir dos documentos que previamente já conhecíamos, procurado os indícios que tenham passado despercebidos nas primeiras leituras. Identificamos, por exemplo, os esquemas detalhados daquilo que Dom Helder pretendia levar à reunião de Buenos Aires, em 1966, amplamente descrito e tendo como base a carta “Carta Pastoral” de Dom Manuel Larrain, sobre o Desenvolvimento.

Encontramos, também, a referência a um pacto firmado pelos bispos do Brasil, em 19 de julho de 1968, na cidade do Rio de Janeiro, durante a IX Assembleia da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB:

12 Roma, 24/25.11.1965, 76ª Circular: “o Manuelito, agora com o apoio do Santo Padre, pensa em um Encontro latino-americano dos Bispos que estão à frente dos Departamentos de Ação Social do CELAM (e mais 3 ou 4 dos Bispos, de cada País latino-americano, particularmente interessados em assuntos sociais), para o exame de um programa de ação continental” (Câmara, 2009c, p. 281). E, significativamente, Dom Helder acrescenta: “o responsável continental pelo Departamento de Ação Social é o nosso Dom Eugênio, conquistado inteiramente para as teses que anunciarei”. Em nota, a 449, Zildo Rocha comenta: Dessa articulação resultaria, anos mais tarde, a famosa II Conferência do CELAM, em Medellín, Colômbia, em 1968.

Bispos do Brasil, movidos pelo amor a Deus e pelo amor ao próximo; consci[ent]es de que estamos em dívida e em atraso para com as Massas latino-americanas; desejosos de celebrar para a libertação de milhares de filhos de Deus que, em nosso País e em nosso Continente, vivem à margem da vida econômica, educativa, artística, política, social e religiosa; sentimos que só uma ação clara, positiva, corajosa e coordenada dará consistência prática a documentos como a “*Gaudium et Spes*”, a “*Populorum Progressio*” e as “*Conclusões de Mar del Plata*”, firmamos a resolução de estimular, ao máximo, a Pressão Moral Libertadora, com seu programa inicial de exigência de concretização dos Direitos fundamentais do homem com ênfase na libertação de qualquer escravidão ou servidão (art. IV), e nos direitos à Vida, à libertação, à segurança pessoal (art. III) e ao trabalho (art. XXIII). (Pressão Moral Libertadora. Caderno nº1. p.1-3)¹³.

Creemos que, com tais exemplos, justificamos plenamente o uso do método e sua aplicação cujos resultados detalharemos em seguida.

Resultados da aplicação do método indiciário à parte publicada das fontes “helderianas” disponíveis

Pré-conferência, primeiro período

Além dos textos citados acima, o primeiro que selecionamos, ligado diretamente a nosso tema, foi escrito na madrugada de 26 para 27 de setembro de 1965 (Câmara, 2009b, p. 52):

Há três documentos que desejo registrar em nossas Circulares:
A. Projeto de Carta ao Santo Padre, proposto ao CELAM. A carta, traduzida em castelhano, vai ser enviada às várias Conferências. Sei de sobra que não há clima para aprovação. À nossa, nem sequer apresentarei o projeto (...).

Quando fala em “projeto de carta”, traduzida em castelhano, estaria Dom Helder referindo-se a um projeto nascido naquele “caldo de cultura” citado por Silvia Scatena (2008, p. 61), a propósito de todo o fervilhar de ideias, iniciativas e personagens que, a partir da reunião do CELAM, em Buenos Aires em novembro de 1960, levou à criação de institutos como o Instituto Catequético Latinoamericano, ICLA, e o Instituto Superior de Pastoral Latinoamericana, ISPLA, movimento que ela descreve tão bem em seu capítulo “*Tra Roma e Bogotá: il CELAM conciliare di Manuel Larrain*”?

Ou seria uma elaboração sua das ideias que então animavam o grupo de bispos reunidos em torno de Monsenhor Larrain e dele mesmo? Fato está que ele propõe solicitar a Paulo VI que, por ocasião do “10º aniversário do CELAM – criado pela Santa Sé e favorecido sempre por numerosos testemunhos de apoio e encorajamento da parte de Vossa Santidade”, dando como exemplo a “criação felicíssima do Sínodo dos Bispos, instrumento de exercício efetivo da Colegialidade Episcopal”, o Papa permita ao CELAM convocar “uma Assembleia Especial, dedicada aos problemas do 3º Mundo...”.

Na sequência, outro momento importante, na vida de Dom Helder, ligado ao percurso que o levou à Conferência de Medellín, foi a morte de seu grande amigo e

13 Aqui, como em todas as citações, conservamos o peculiar uso das maiúsculas, constante em Dom Helder. Alteramos apenas a acentuação de algumas palavras, como “ideia” atualizando-as para o português atual.

parceiro, o bispo de Talca, “Manuelito”, em 22 de junho de 1966. Dom Helder exprime-se, sobre isso, com pouquíssimas palavras, se bem que carregadas de emoção, na madrugada de 24 para 25 de junho (Câmara, 2011a, p. 50):

Ao chegar à Casa, um cabograma de Helena e Marina Bandeira me anunciava a partida do querido Manuelito, o mais fraterno amigo dentro do Episcopado do Mundo inteiro, o maior de todos os Bispos da América Latina e, sem favores, um dos maiores Bispos do Mundo.

E reflete

Duas partidas próximas de pessoas muito minhas – a da [minha] Irmã Stefânia, minha querida Adrinha que tanto me ajudou na entrada do Seminário e a do Manuelito – me lembram a necessidade de estar preparado para seguir a qualquer instante.

Reflexão sobre a qual retorna adiante, tanto na madrugada de 2 para 3 de julho:

o Episcopado francês mandou-me u’a mensagem belíssima pela morte do Larrain (o meu querido Manuelito). Até hoje, nenhuma outra morte me lembrou de modo mais vivo e mais duradouro a proximidade de minha própria partida... (Câmara, 2011a, p. 63).

Quanto na de 23 para 24 de julho:

As Domingas se sucedem. O ano corre. A vida se esvai... Ando organizando um programa de preparação para uma partida próxima. Continuo de todo nas mãos do Pai, querendo o que Ele quer, preferindo as preferências divinas. Mas por via das dúvidas, é bom estar preparado. Quem me garante que depois do Sr. Núncio [falava de Lombardi], do Manuelito e do Pe. Lebret, a vez não é minha?

Para escrever um texto impressionante, na madrugada de 27 para 28 de agosto:

Nas vossas mãos estão os meus dias. Está o meu tempo. Está a minha vida. E a Graça Divina me leva a cada vez dar carta branca a Ele... Nem precisa consultar. Nem avisar. (Sabem que o querido Manuelito ao ser pisado pelos cavalos – que o deixaram irreconhecível, que lhe rasgaram o rosto e esmagaram o cérebro – tinha nas mãos um exemplar do Plano de Pastoral de Conjunto, do Brasil, que o Pe. Poblete emprestara a ele?...) (Câmara, 2011a, pp. 150-151).

Ele está se preparando para partir para Buenos Aires, para a reunião do CELAM, marcada para outubro, onde estaria em jogo todo o projeto que, com Monsenhor Larraín, eles vinham desenvolvendo desde 1955. Por que? Morto Larraín, a presidência do CELAM fora assumida, provisoriamente, pelo arcebispo brasileiro que substituiria Dom Helder na vice-presidência do Conselho, no ano anterior: Dom Avelar Brandão Vilela, então arcebispo de Teresina, “um bispo da extrema periferia do Nordeste do Brasil, nas palavras do secretário do CELAM”, Monsenhor Julián Mendoza Guerrero, depois bispo de Buga (Scatena, 2008, p. 159, nota 90).

Ele escreve, de 02 para 03 de setembro: “Começo a preparação sistemática para Buenos Aires, relendo a Pastoral de Mons. Larrain, o meu querido Manuelito: ‘Desenvolvimento: êxito ou fracasso na América Latina’” (Câmara, 2011b, p. 160). Porque essa era a questão chave: a discussão sobre “explosivos problemas do subdesenvolvimento na América Latina” (Scatena, 2008, p. 125). Explosivo por si mesmo

e porque a situação na Argentina mudara radicalmente, com o golpe militar de 28 de junho e a tomada do poder pelo general Onganía, no dia seguinte. Ele recordará do que passou na 389ª Circular, escrita em maio do ano sucessivo, que citaremos à frente (Câmara, 2014a, p. 96).

A transcrição da 144ª Circular e sucessivas (Câmara, 2011a, p. 160-164) na qual Dom Helder retoma sistematicamente e reelabora, as propostas de mons. Larraín seria impossível neste espaço. Limitamo-nos a transcrever as sínteses que ele mesmo propõe, em cada trecho, como o ideal para o documento que esperava ver escrito em Buenos Aires:

O documento de Buenos Aires deverá lembrar que os Países, como os indivíduos, têm seus pecados e precisam de conversão sempre renovada. Apresentará os mais graves pecados da América Latina: não em termos de condenação e desânimo. Mas de vitórias a obter, com a graça divina. Claro que indicando meios práticos (e haverá grandes e excelentes surpresas que... o Papa João está me soprando). Manuelito cita uma das conclusões da aludida Semana de Brest: “Revisão da noção de propriedade herdada de concepções liberais, especialmente da legislação francesa, sobre a propriedade comercial, que é uma das causas da esclerose das estruturas, em contradição com as novas necessidades do desenvolvimento”.

Dom Helder comenta:

Se, em Buenos Aires, não fizermos isto, o Encontro em grande parte terá falhado. Precisamos, ao menos, afirmar a necessidade dessa revisão e lembrar, à luz da Escritura e dos Santos Padres, que não é qualquer tipo de propriedade que a Igreja defende... Manuelito em boa pista. É possível e necessário ir mais longe.

Nas circulares sucessivas (da 145ª à 149ª) desenvolve, então, os esquemas que pretendia apresentar aos delegados dos episcopados latino-americanos. Impossíveis de sintetizar aqui, apresentam um conteúdo que explica o porquê, tendo “vazado”, criaram para Dom Helder tantos problemas, seja com as autoridades romanas, seja entre seus pares, seja com as forças de repressão, tanto argentinas quanto brasileiras. E ele tem consciência disso, porque termina a 149ª circular dizendo:

Tudo quanto aqui se diz e sugere de modo algum pretende esquecer os temas previstos para a Reunião de Buenos Aires, temas indispensáveis a uma adequada presença da Igreja no desenvolvimento da América Latina. Tudo quanto aqui se diz e sugere não pretende cometer a injúria de esquecer o labor magnífico do Celam e da CAL em favor da América Latina. Pretende apenas focalizar, de modo mais intenso e direto, aspectos da realidade mundial que exigem exame e decisão (Câmara, 2011a, p. 183).

Nesse meio tempo, os bispos argentinos tiveram o bom senso de propor ao CELAM a mudança de sede da Reunião Ordinária dos delegados do CELAM e da Assembleia Extraordinária de Buenos Aires para Mar del Plata, onde os trabalhos se iniciaram, finalmente, em 11 de outubro.

Na circular 156ª, de 28 para 19 de setembro, ele anota: “Aproveitei a Vigília para os retoques finais no Caderno de Sugestões a distribuir em Mar del Plata...”, e na 157ª: “Começa, hoje, a semana final de preparativos para Mar del Plata...”; Na 158ª, ele informa: “Sobre os sofrimentos provocados pela CAL, e o novo convite a ir a Buenos Aires... Apressei-me em enviar a Roma – via Mons. Dell’Acqua – o texto mesmo primitivo do

que pensava distribuir em Mar del Plata...”; Finalmente, informa: “Quipróquo com o Secretário de Estado...” (Câmara, 2011a, p. 205, 211, 213, 216).

Voltando a Recife, Dom Helder, comenta assim os acontecimentos de Mar del Plata:

O que me anima a prosseguir é ver que a Carta do Santo Padre ao CELAM, confirmando o discurso anterior aos Bispos da América Latina e a *Gaudium et Spes* me parece apoiar muito mais a linha do Arcebispo de Olinda e Recife do que a posição de S.E.R. Mons. Samoré. Quero confirmar o que vocês sabem: com a graça de Deus, quero cada vez mais o que o Papa quer, preferir o que Ele preferir... (p. 228):

Como recorda Zildo Rocha, em sua nota 174 (p. 228):

A importância desse encontro e a atuação de Dom Helder foi recuperada ... por Silvia Scatena em “La Chiesa de Latinoamérica dal Concilio a Medellín (1962-1968)”. João Batista Libanio, em resenha dessa obra na Revista Eclesiástica Brasileira, assim as resume: “...A autora descreve com pormenores as vicissitudes da preparação e da condução de tal encontro. Acena para a importância tanto da mensagem de Paulo VI, incentivando os bispos a assumirem participação ativa no processo de transformação em curso, como das Sugestões fraternas de D. Helder, ao criticar a ideologia do desenvolvimento, no sentido de esconder uma relação de dependência respeito aos países capitalistas. O livro traz elementos interessantes sobre a repercussão da presença de D. Helder em momento de alta tensão política na Argentina e de vigilância romana. Suas ideias marcaram notavelmente o debate em Mar del Plata.

O próprio Dom Helder, meses depois, escreve: “Impressionante o Santo Padre! Aprovou calorosamente as Conclusões de Mar del Plata, criou a Comissão para a Justiça e a Paz, deu-nos a Encíclica sobre o Desenvolvimento!” (Câmara, 2011b, p. 134).

A partir de Mar del Plata, novas palavras chave surgem na documentação de Dom Helder: Ação Pacífica, Força da Justiça, FORJA, Justiça Agora, JÁ, Pressão legítima e democrática, P.L.D., finalmente Pressão Moral Libertadora, P.M.L. A leitura da 224ª Circular, data de 11 para 12 de abril de 1967 (pp. 168-178) é esclarecedora. Para ele, o documento de Mar del Plata e a Encíclica “*Populorum Progressio*” exigem do episcopado uma nova tomada de posição.

Pré-conferência, segundo período e os dias da Conferência em si

As circulares de 1968 começam a falar da nova Conferência, Medellín e da preparação em equipes que ele, como sempre, organizara em tempo.

De 26 para 26 de março:

Estamos com várias equipes estudando o documento de base da Conferência da Hierarquia Latino-Americana, em Medellín. A principal, naturalmente, é a do ITER, liderada pelo Pe. Comblin. Amanhã, à noite, se Deus quiser, terei um grupo de técnicos, aqui, nas Fronteiras... (Câmara, 2014a, p. 56).

Vi o primeiro esboço de comentários do ITER (Pe. Comblin à frente) ao Documento-básico do Encontro da Hierarquia Latino-Americana... Forte. Fortíssimo. Mas como está carregado de verdades terríveis sobre a América Latina! (p. 58). Em nota, Zildo Rocha informa: Esse estudo crítico sobre o documento base da Assembleia de Medellín vazou inexplicavelmente para a Imprensa e desencadeou o “rumoroso Caso Comblin”, com uma campanha da TFP recolhendo nas ruas mais de um milhão de assinaturas pedindo a expulsão do religioso do País... (p. 58).

De 4 para 5 de maio:

Houve Noitada, ontem, em Manguinhos: reuniu-se o Grupo de Estudos Políticos. As cadeiras todas da Casa foram mobilizadas. Ali estavam as esquerdas católicas de todos os quadrantes. Já é o terceiro encontro. Em torno do estudo do documento de base para Medellín (um bocado radical!), a turma se soltou. Boas cabeças. Gente sincera. Quase todos ressentidos e ressabiados com a Igreja. Segurei, depois, os líderes, desejoso de medir o ímpeto negativo ou positivo da Ação não-violenta. Reconhecem que a Massa não está preparada para mais. Aceitam como etapa necessária e utilíssima (p. 91).

De 13 para 14 de maio:

Aqui estamos, em Itapuá (Salvador, Bahia) representantes de 17 Países de América Latina:

- para um balanço quanto à aplicação das Conclusões de Mar del Plata;
- para um balanço quanto à aplicação da Populorum Progressio.
- para uma preparação em face do 2º Encontro da Hierarquia Latino-Americana (Medellín, Colômbia, agosto, próximo futuro).

D. Eugênio está sendo correto, leal e irmão como sempre. Facilita-me todos os movimentos. Mas é claro, que lhe pago na mesma moeda de estima fraterna e de jogo leal e franco.

O clima para mim é totalmente diverso do que o que tive de enfrentar em Mar del Plata. Lá, havia contra: o Governo Argentino (lembram-se do aparato militar com que fui recebido no Aeroporto: praticamente, não pude parar em Buenos Aires); o Cardeal Caggiamo, o Núncio Mozzoni e a Secretaria de Estado, em vista da atuação de Mons. Samoré. Favorável mesmo só o Santo Padre e o estado de espírito dos Bispos participantes e especialmente dos Peritos. Não se explica, de outro modo, o documento notável que são as Conclusões de Mar del Plata.

Aqui, não há nenhuma pressão contra e há, da parte dos Irmãos-Bispos, a maior simpatia e cordialidade.

Pensando na proposta de Ação não-violenta em âmbito latino-americano, estou tentando ganhar terreno, conquistar simpatia. Em geral, a turma tem a generosidade de olhar-me como Profeta da América Latina (p. 96)

De 29 para 30 de junho:

Perdoem esta Circular quase incompreensível para quem não tiver em mãos o texto-base para a IX Assembleia Geral da CNBB. Se descí a estes pormenores foi para provar à Família que as mil e uma preocupações daqui não me fazem esquecer a preparação da Assembleia, sem cuja realização válida ficarão muito comprometidas as reuniões informais e muito furada a participação do Brasil em Medellín (p. 163).

De 10 para 11 de agosto:

Enquanto isto, não esqueço Medellín. Estou procurando calcar cada trecho do Documento de Base ou na Populorum Progressio, ou em Mar del Plata, ou em Buga, ou em relatórios da Cepal. Mas como não tenho ilusões quanto à dureza da refrega tenho prolongado as Vigílias, mergulhado ainda mais na Santa Missa e já conclamei os Anjos! (p. 211).

Antes da partida para a Colômbia, ele anuncia: “Os acontecimentos estão correndo céleres e densos, sem dar tempo para registro em Circulares” (p. 220). Chegando a Bogotá, diante da situação que ali encontra, torna-se, por um momento, pessimista: “Qual será o saldo – positivo, negativo – da vinda do Santo Padre?” (p. 223).

Por quê? Ele descreve o ambiente e reflete, angustiado:

Como Bispo, fui levado ao Templê: lugar privilegiadíssimo, em torno do Altar-Monumento. Parte integrante do Altar. Quem tinha acesso a este santo dos santos? Cardeais, Bispos, Altas Autoridades e Super-Ricos.

Entenderia, aceitaria, engoliria a mistura da Hierarquia com os Opressores se este fosse o preço para que o Santo Padre tivesse oportunidade de dizer aos Privilegiados da América Latina (na Colômbia, são 43 Famílias!) as palavras que Amós, Jeremias, Isaías, diriam... Pela amostra do primeiro dia, os textos mais nos comprometerão do que nos vão ajudar. As oportunidades de ilusão são terríveis. As aparências, os equívocos são estonteantes. Se Ele vê o Presidente da República, os Ministros de Estado, os Generais, o Patriciado colombiano comungando, como não esperar da boa-fé e da boa vontade dos Privilegiados?...

Se os Bispos coloriam de vermelho e roxo a paisagem (fiquei até acanhado no meu pretume: temi que me interpretassem como snob e demagogo. Mas já era tarde); se os Bispos pareciam honrados e felizes com a vizinhança, e colhiam, encantados, a menor palavra, o mais leve sorriso vindo da área dos Poderosos, como pode Paulo VI abrir os olhos?

Será que, depois de uma visita pré-fabricada assim, ele ainda escreveria a *Populorum Progressio*? (p. 224).

Chegado a Medellín, seu ânimo não melhora:

Aqui estamos os Delegados, os Técnicos e Observadores da IIª Assembleia Geral dos Bispos Latino-Americanos, hospedados todos no Seminário de Medellín, que dispõe de 300 quartos, todos providos de banheiros individuais...

Querem uma ideia da enormidade da área, privilegiadíssima, que ocupamos? Em volta do prédio, o Seminário conta com 800 mil pinheiros...

Que força moral podemos ter para falar em reforma agrária ou reforma urbana?... (p. 227).

Depois, começa a sentir-se mais animado, confiante:

A Conferência começou muito bem com um discurso felicíssimo em que D. Avelar deu uma interpretação muito inteligente e muito hábil dos Discursos e Homílias que o Santo Padre fez aqui.

O perigo era de que os Bispos se convencessem de que o Papa dera marcha-à-ré: as consequências seriam terríveis. D. Avelar provou que longe de recuar, o Papa avançou. Obra prima de habilidade e diplomacia. Que recuou, recuou. Mas ainda há passagens que nos podem ajudar muito (p. 230).

Mas nem tanto:

Tenho a impressão de que o documento de trabalho vai vencer e as Conclusões serão válidas. Terrível é que, enquanto as Conclusões forem à Roma para aprovação, aqui sairá uma Declaração que eu temo seja de todo alaranjada... (p. 230).

Então, nessa mesma circular, ele começa a descortinar sua futura linha de ação:

Não tenho perdido tempo. Os Bispos brasileiros estão firmes com a Pressão: mas todos pedem que aproveitemos o 2 de outubro para mudar o nome do Movimento. Quando disse ao Núncio que havia a ideia de mudar o nome, ele respirou fundo: gosta muito do Movimento, mas engasgava no nome. Pensei em “Desenvolvimento com Justiça”. Mas a turma derrubou.

Na minha cabeça, era retomar justiça e paz com outras palavras e era aproveitar, no Brasil, a onda que a ACO levantou contra o Desenvolvimento sem justiça (p. 230).

Reflete e sugere o nome, que se tornaria definitivo, daquela ação sistemática que ele implantaria a partir de Medellín, a “Ação Justiça e Paz”:

Uma das vantagens de mudar o nome, é descobrir um nome que se estenda ao Continente inteiro. E muitos Países (e o próprio Papa) não engoliriam o nome de Pressão. A ideia, sim; o nome se presta a equívocos. Talvez vença Ação Justiça e Paz. É um meio de completar e salvar a Comissão. A ela não cabe descer à prática. Mas justamente por isto, está decepcionando. Membros como o querido Alceu e Barbara Ward já pensavam em sair. Pensem neste nome: Ação Justiça e Paz (p. 231).

Sobre isso vai escrever a Monsenhor Benelli, então Substituto da Secretaria de Estado, uma missiva que ocupará toda a circular de 03 para 04 de setembro, missiva que ele julga que poderá “ter interferência na marcha de minha vida” (p. 233).

E termina sua participação em Medellín afirmando, na circular escrita na “Vigília do Encerramento da 2ª Conferência”, na madrugada do dia 6 para o 7 de setembro de 1968:

Exagerarei quando ponho, logo abaixo da graça de haver participado do Concílio Ecumênico Vaticano II, a graça de haver participado da 2ª Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano? Para a América Latina, as Conclusões desta Conferência – que aplicam ao nosso Continente as determinações do Concílio e, em nome do Concílio, nos levam a assumir, plenamente, nossa responsabilidade em face do momento histórico da América Latina – devem ter o mesmo sentido que, para o Mundo inteiro, devem ter os documentos conciliares (p. 236).

Depois de analisar, criticamente, os fatores favoráveis aos resultados que o entusiasmavam, conclui: “Entre os fatores positivos, guardei o maior, o invisível: o Espírito Santo era quase tangível; os Anjos eram quase visíveis! Apelara tanto para a Rainha dos Anjos! *Tē Deum! Magnificat!*” (p. 238).

Pós-Conferência

Vamos analisar, no item 3, abaixo, o impacto de Medellín em Dom Helder e em sua trajetória sucessiva, centrada no projeto que desde o início acenamos, o da “Ação Justiça e Paz”, cujo texto ele apresenta na circular que escreve, tão logo retorna ao Recife, no início de setembro (Câmara, 2014a, pp. 239-241).

De “arcebispo vermelho”, “comunista”, “subversivo” A “voz dos sem voz”, “Dom da paz” e, finalmente, “irmão dos pobres, meu irmão”: Medellín e a questão das alcunhas de Dom Helder

O próprio Dom Helder, em um tom ligeiramente divertido, anota na circular que escreve de Medellín, na madrugada de 26 para 27 de agosto, no item “Notícias várias, de valor diverso”: “Resposta à Cadeia Caracol de Emissoras Colombianas: ‘Por que V. Excia. é o único Bispo que circula no Congresso Eucarístico sem nada de vermelho?’”: “Se andando assim, todo de preto, ainda me chamam de Bispo vermelho, imaginem o que diriam se de vermelho eu me vestisse!...”. E acrescenta: “A Rádio Luxemburgo estava presente e o seu comentarista, velho amigo do Concílio, não perdeu tempo e completou: ‘O seu vermelho é o fogo de amor de seu coração...’” (p. 228).

Essa questão das alcunhas jornalísticas, que foram sendo atribuídas a Dom Helder, na medida em que foi se tornando conhecido, não é, na opinião dos autores, uma questão de somenos importância.

Ele era chamado, pelos íntimos, “padrezinho”, desde os anos 40, e assim continuou, mesmo depois de bispo e arcebispo. Passou, também, a ser chamado de “Dom”, uma vez promovido ao episcopado e, com este título, assinou grande parte de suas circulares. No entanto, na medida em que suas ideias, seus projetos, sua capacidade “operacional”, dentro e fora do âmbito eclesial e eclesiástico, tornaram-se públicas e atraíram não só admiradores, mas inimigos ferrenhos e perigosos, outras alcunhas foram criadas e tiveram grande sucesso.

Em resposta às perguntas que lhe foram encaminhadas pela “Revista Manchete” em março de 1967, ele mesmo reflete, na circular 200, de 5 para 6 de março daquele ano, no que ele intitula de “primícias da Autocrítica que estou tendo de remeter à Manchete...”. Diante da afirmação de que tinha “a necessidade de estar no cartaz” e de que era mais “político” que sacerdote (segundo a revista, “seu equívoco é aparecer como Pastor, quando sua estrutura Dominante é a política”), ele recorda algumas alcunhas que foi acumulando durante aqueles anos: “integralista”, “subversivo”, “bispo vermelho”, “comunista”, “anti-americano”, revolucionário”, cheio de “ingenuidade e quixotismo”, afirmando que as enfrentava com tranquilidade, a partir de sua espiritualidade, centrada nas Vigílias e na celebração da eucaristia: “a Missa é a grande meia hora fecunda... E o melhor é que a Missa acaba durando o dia inteiro” (Câmara, 2011b, pp. 70-76).

Exatamente para “explodir” durante a Conferência em Medellín, um de seus “irmãos no episcopado”, o arcebispo de diamantina, Dom Geraldo Sigaud, organizou um abaixo-assinado nacional contra as ideias de Dom Helder: “Para cúmulo de confusão, chegou D. Sigaud, com o documento que vale um milhão... Vai pedir audiência ao Santo Padre. Já pensaram o efeito de uma fotografia dele entregando o documento ao Papa?...” (Câmara, 2014b, p. 225). Em nota, Zildo Rocha recorda:

Refere-se ao resultado de ampla campanha de assinaturas colhidas nas ruas pelo Movimento Tradição, Família, Propriedade (de que Dom Geraldo Sigaud era um dos expoentes) contra a infiltração comunista na Igreja do Brasil, particularmente contra o Pe. José Comblin, de quem se pedia a expulsão do país (p. 225, nota 187).

De fato, Dom Helder havia comentado essa iniciativa, com muita perspicácia, no mês anterior: “Enquanto, D. Sigaud e D. Mayer escrevem a todos os Bispos, aparentemente combatendo o Pe. Comblin; de fato, combatendo o Responsável pelo Secretariado Nacional de Ação Social, da CNBB, que dá cobertura a Comblin...” (p. 167), ou seja, a ele, que era o secretário.

Tornando de Medellín, forte do sucesso da Conferência, Dom Helder, com seu Projeto da “Ação Justiça e Paz”, começa a superar essa situação, em que pesa a campanha midiática contra ele continuasse, a situação política brasileira piorasse, com a decretação do AI-5 e finalmente, a censura do sistema implantado pelo golpe civil-militar de 1964 proibisse até que seu nome fosse citado nos meios de comunicação de massa.

Em seu depoimento autobiográfico dado a José de Broucker, publicado somente em 1977, ele responde a uma pergunta, evidentemente combinada, cuja resposta nos

dá algumas pistas. O jornalista francês, um de seus maiores amigos desde o Vaticano II, no capítulo “La ‘libération’ au secours du ‘développement’”, pergunta: “Em outubro de 1968, o senhor criou no Recife um movimento de não violência ativa: ‘Ação Justiça e Paz’. Esta iniciativa não teve sequência?” (Câmara, 1977, p. 169; tradução livre).

Sabemos, pelas circulares, que o jornalista estivera no Recife no final de setembro, início de outubro de 1968, há menos de um mês do encerramento da Conferência de Medellín: “José de Broucker, redator-chefe das *Informations Catholiques Internationales*, depois de passar cinco dias e, praticamente, cinco noites comigo (preparando *Dialogues avec Dom Helder*), voltou radiante...” (p. 253).

Na redação final do livro, agora com outro título, a colocação da pergunta permite a Dom Helder recuperar uma importante passagem, em sua vida, e lhe dar um sentido. Ele explica, “frequentemente... quando começamos um plano... os caminhos do Senhor não são nunca exatamente nosso caminhos...”. Nesse caso, continua, quando as perspectivas se fecham, no Brasil, ele passa a receber “numerosos convites” para falar no Exterior. Com isso, descobre que as injustiças que conhece no Nordeste estão presentes em todo mundo e a “Ação Justiça e Paz”, que ele pensara para “organizar a pressão moral libertadora no interior do Brasil”, “passou de uma escala local e nacional a escala uma internacional”. Suas viagens, seus discursos, a recepção calorosa que passou a receber e cujos ecos estão, até hoje, presentes em tantos países, levaram-no a receber uma nova alcunha: aquele que fala em nome “dos sem vez e sem voz”, exatamente o título de um sucessivo capítulo do *Les conversions d’un eveque* (Câmara, 1977, p. 183). Mas o processo de ressignificação do valor atribuído a Dom Helder, suas ideias, sua luta, não termina aí.

De Broucker, em seu depoimento *Dom Helder narrado a meus netos*, que preparou para o livro em homenagem aos 90 anos do Dom, escreve:

“Dom Helder, irmão dos pobres e meu irmão”. Foi assim que, um dia, ao descer do avião no aeroporto do Recife, o papa João Paulo II, juntando àquelas palavras o gesto de apertá-lo demoradamente contra o peito, saudou o arcebispo local, um homenzinho notável, entre encabulado e surpreso. Foi em 1980.

Colhendo a essência daquilo que também nós queremos demonstrar, continua o jornalista francês:

“Bispo das favelas”, “voz dos sem-voz”, “advogado do Terceiro Mundo”, “profeta da Igreja dos pobres”, “apóstolo da não-violência ativa” bispo vermelho... De todos os inúmeros títulos ligados a seu nome, elogiosos ou polêmicos, é esse: “Irmão dos pobres e meu irmão...” que Dom Helder prefere (Broucker, in Rocha, 1999, p. 19-20).

Porque esse “título”, em nossa avaliação, resume o longo processo que, a partir de Medellín, amadureceu Dom Helder e o “despolitizou”, em um sentido positivo. Se hoje há uma chance, na Igreja, que ele venha reconhecido canonicamente como um dos santos do século XX, isso não seria possível sem a ampliação, para o mundo, da imagem do bispo brasileiro como “cavaleiro” da “Ação Justiça e Paz”.

Conclusão

Iniciamos esse trabalho buscando responder, a partir da documentação à nossa disposição, algumas questões que nos pareciam significativas:

- O quê o Medellín significou para Dom Helder, como ser humano, cristão, “mediático” membro do alto clero católico?
- O quê a longa militância eclesial do arcebispo de Olinda e Recife significou para a efetiva realização de Medellín?
- E para sua recepção na vida das Igrejas Latino-americanas (não só a Católica)?
- Até onde, ter sido chamado de “voz dos sem voz” no início dos anos 70, e “irmão dos pobres”, no início dos 80, é reflexo da experiência por ele vivida à luz do evento Medellín?

Esperamos ter recolhido, apresentado e comentado, acima, elementos documentais significativos para a resposta a essas questões.

Sem dúvida, Dom Helder, que preferia agir nos bastidores, como ele mesmo escreveu em 1963, na versão em inglês, ao justificar o envio do projeto “Troca de ideias com os irmãos no episcopado”¹⁴, fez jus à síntese que, sobre sua ação na Igreja e no mundo, propôs o Padre José Comblin, ao prefaciá-las *Obras Completas*:

Na Igreja Católica, como é normal, o seu papel foi mais importante ainda. Esteve na origem e na animação de tudo o que foi importante na Igreja do Brasil pelo menos de 1952 a 1985, desde o momento em que fundou a CNBB até o momento em que teve que se retirar da arquidiocese de Olinda e Recife. Não se poderia entender nada da história da Igreja no Brasil nessa época, sem referência a Dom Helder. Ele procurava não aparecer e manifestar os seus pensamentos, os seus projetos, as suas intuições por meio de outros porta-vozes. Era um articulador e um diplomático de primeira grandeza. Ele sabia que a sua influência seria muito maior se permanecesse escondido. Procurava esconder-se e conseguia. Muitas vezes os próprios colegas ignoravam donde vinham as propostas que estavam votando (2009a, p. XXVIII).

Comblin, que trouxe a ideia da coleta e da publicação, no formato editorial de “obras completas”, dos escritos do “Dom”, quando voltou de uma visita a El Salvador, no início de 2001, trazendo de lá os recém-publicados textos do hoje santo Oscar Romero, como recorda Lúcia Moreira, na “Nota da 2ª Edição” (Câmara, 2009a, p. XIII), acreditava que o nome e as ideias de Dom Helder seriam lembrados nos próximos milênios, caso a Igreja católica continuasse a existir e contar. E isso só aconteceria se ideias como as suas continuassem iluminando a Igreja. Celebrar os 50 anos de Medellín, sob o pontificado do Papa Francisco, parece apontar para essa possibilidade, mais do que, há dez anos, quando se celebraram os 40 anos.

14 “O nosso cartão de visita: Entre as maiores graças do Concílio, pode-se mencionar a reunião em Roma dos Bispos do mundo e a surpresa de descobrir que as ideias timidamente e esperançosamente fomentadas estavam sendo compartilhadas [nos] cinco continentes. Muitas vezes, na Aula conciliar, fiquei tentado a interferir nos dados e sugestões. Eu preferia ouvir. Hoje estou aqui, levando meus pensamentos a meus irmãos: apresentando ideias, fazendo perguntas, falando aos bispos de um continente ou de um país, ou aos bispos do mundo. Anseio por um diálogo: pelo amor de Deus, não permita que eu fique confinado a um monólogo...” (Câmara, 1963, p. 02).

Referências

- BEOZZO, José Oscar. Apresentação. In: CÂMARA, Dom Helder. *Circulares conciliares: de 13/14 de outubro de 1962 a março de 1964*. Recife: CEPE, 2009a. 431 p. (Obras Completas de Dom Helder V. 1, T. 1). Orgs.: Luiz Carlos Luz Marques e Roberto de Araújo Faria, pp. XVII-XXIII.
- BROUCKER, José de. Dom Helder narrado a meus netos. In: ROCHA, Zildo. *Helder, o Dom*. Uma vida que marcou os rumos da Igreja no Brasil. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999, pp. 19-26.
- CÂMARA, Dom Helder. Troca de ideias com nossos irmãos no episcopado / Exchange of ideas with our Brothers in the Episcopate. INEP, Brasília. Manuscrito de 1963, sob. nº 09130.
- _____. *Les conversions d'un eveque: entretiens avec José de Broucker*. Paris: Seuil, 1977. 204 p.
- _____. *Circulares conciliares: de 10/11 de setembro a 7/8 de dezembro de 1965*. Recife: CEPE, 2009b. 327 p. (Obras Completas de Dom Helder. V. 1, T. 3). Orgs.: Luiz Carlos Luz Marques e Roberto de Araújo Faria.
- _____. *Circulares pós-conciliares: de 31 de maio/1º de junho de 1966 a 26/27 de dezembro de 1966*. Recife: CEPE, 2011a. 342 p. (Obras Completas de Dom Helder. V. 3, T. 2). Orgs.: Zildo Rocha e Daniel Sigal.
- _____. *Circulares pós-conciliares: de 31 de dezembro de 1966/1º de janeiro de 1967 a 29/30 de julho de 1967*. Recife: CEPE, 2011b. 415 p. (Obras Completas de Dom Helder. V. 3, T. 3). Orgs.: Zildo Rocha e Daniel Sigal.
- _____. *Circulares pós-conciliares: de 25/26 de fevereiro de 1968 a 30/31 de dezembro de 1968*. Recife: CEPE, 2014a. 431 p. (Obras Completas de Dom Helder. V. 4, T. 2). Orgs.: Zildo Rocha e Daniel Sigal.
- _____. *Circulares pós-conciliares: de 31 de dezembro de 1968/ 1º de janeiro de 1969 a 4/5 de julho de 1969*. Recife: CEPE, 2014b. 361 p. (Obras Completas de Dom Helder. V. 4, T. 3). Orgs.: Zildo Rocha e Daniel Sigal.
- _____. *Circulares pós-conciliares: de 5/6 de julho de 1969 a 24/25 de janeiro de 1970*. Recife: CEPE, 2014c. 404 p. (Obras Completas de Dom Helder. V. 4, T. 4). Orgs.: Zildo Rocha e Daniel Sigal.
- COMBLIN, Pe. José. Prefácio. In: CÂMARA, Dom Helder. *Circulares conciliares: de 13/14 de outubro de 1962 a março de 1964*. Recife: CEPE, 2009 [a]. 431 p. (Obras Completas de Dom Helder V. 1, T. 1). Orgs.: Luiz Carlos Luz Marques e Roberto de Araújo Faria, p. XXV-XXXIII.
- GINZBURG, Carlo. Spie. Radici di un paradigma indiziario. In: *Crisi della ragione: a cura di Aldo Gargani*, Einaudi, 1979, pp. 57-106.

_____. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: _____. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras: 2002, pp. 143-180 (edição original italiana de 1986).

GINZBURG, Carlo; DAVIN, Anna. *Morelli, Freud and Sherlock Holmes: Clues and Scientific Method*. Oxford Journals Press. Oxford, Spring, 1980. History Workshop, pp. 05-36. Disponível em: <<http://users.clas.ufl.edu/burt/filmphilology/ginzburgmorellifreudholmes.pdf>>. Acesso: 02 abril 2018.

MARQUES, Luiz Carlos Luz. Plan d'ensemble pour la réception de Vatican II au Brésil. In: ROUTHIER, Gilles (Org.). *Vatican II: enracinement et réception*. Québec, Canadá: Éditions Fides, 2001, pp. 481-500.

_____. As circulares conciliares de Dom Helder. In: CÂMARA, Dom Helder. *Circulares conciliares: de 13/14 de outubro de 1962 a março de 1964*. Recife: CEPE, 2009a. 431 p. (Obras Completas de Dom Helder V. 1, T. 1). Orgs.: Luiz Carlos Luz Marques e Roberto de Araújo Faria, pp. XLIII-XLIV.

_____. Operadores sociais do sagrado: direitos e deveres civis. *Revista de Teologia e Ciências da Religião da UNICAP*, v.01, n. 01, Recife, 2012, pp. 217-226.

_____. O bispo que sonhou que o Papa enlouquecia: acordos e desacordos entre Dom Helder Câmara e a Teologia da Libertação. In: *A fonte e o futuro da teologia da libertação: o legado de Dom Helder Câmara*. Rio de Janeiro; São Paulo: Editora PUC-Rio; Editora Reflexão, 2017. 192 p. Orgs.: Maria Clara Luchetti Bingemer e Paulo Fernando Carneiro de Andrade.

MARQUES, Luiz Carlos Luz; PINA NETA, Lucy. Mons. Helder Câmara, nella Svizzera del CMC: Un sogno, un Papa e una riforma. *Colloquia Mediterranea*, vol. 08, Firenze, 2018, pp. 89-108.

ROCHA, Zildo. *Helder, o Dom*. Uma vida que marcou os rumos da Igreja no Brasil. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. 208 p.

SCATENA, Silvia. *In populo pauperum*. La chiesa latinoamericana dal concilio a Medellín (1962-1968). Bologna, IT: Il Mulino, 2008. 545 p. (Tesi e ricerche di scienze religiose).

SOUZA, Laura de Mello e. Orelha do livro. In: GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras: 2002, s.p. (Orelha do livro).

Recebido: 25 de julho de 2018.

Aprovado: 10 de agosto de 2018.